

“Não sei como dizer em português para não sembrare tão mal-educada” – o ato de censura na interlíngua de falantes de PLNM
“I don’t know how to say it in Portuguese without sounding so disrespectful” - the act of criticism in the interlanguage of non-native Portuguese speakers

**SALEMA, LUÍS
FERNANDO**
pintosalema@gmail.com

**CARAPINHA,
CONCEIÇÃO**
mccarapinha@fl.uc.pt

CLLC - Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal

CELGA-ILTEC - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal

PALAVRAS-CHAVE:
Pragmática da Interlíngua;
Ato ilocutório de censura;
Speech act set;
Estratégias de modificação;
Falhas pragmáticas.

RESUMO: No âmbito da Pragmática da Interlíngua, são raros os estudos sobre a forma como os alunos de uma LE/L2 produzem o ato ilocutório de censura. Este é um ato exigente, uma vez que atenta contra a face do interlocutor, podendo dar origem a emoções negativas e tendo, portanto, claras implicações no plano das relações interpessoais. O presente estudo visa analisar, de uma perspetiva pragmática, o ato ilocutório de censura, produzido por alunos de PLNM, em contexto formal e assimétrico. A partir de um conjunto de produções orais de alunos de nível B1, reunidas no *corpus* COral-Co, e tendo como suporte o modelo de Nguyen (2005), a presente análise pretende (i) identificar as formulações diretas e indiretas do ato de censura; (ii) listar as fórmulas semânticas utilizadas pelos alunos; (iii) avaliar as estratégias de modificação a que os alunos recorrem e (iv) apresentar uma proposta para a estrutura prototípica do complexo ilocutório produzido por esses alunos. Os resultados apontam para um *continuum* entre os atos de censura e de pedido e para a existência de duas áreas críticas, uma relativa à utilização errónea das formas de tratamento, e outra gerada pela utilização concomitante de estratégias atenuadoras e intensificadoras.

KEY-WORDS:
Interlanguage Pragmatics;
Speech act of criticism;
Speech act set;
Peripheral modification
devices;
Pragmatic failures.

ABSTRACT: There are few studies in the framework of Interlanguage Pragmatics on how foreign language learners produce the illocutionary speech act of criticism. This is a demanding act, as it threatens the interlocutor’s face, leading to negative emotions, and with implications regarding interpersonal relationships. With focus on a pragmatic perspective, this study aims to analyse the illocutionary speech act of criticism in a formal and asymmetrical context produced by learners of Portuguese as a foreign language. Through a set of oral productions by B1 level students in the project *CORal-Co corpus*, and Nguyen’s (2005) model as support, the present analysis intends to (i)

identify the direct and indirect intentions of the act of criticism, (ii) list the semantic formulas used by learners, (iii) evaluate the modification strategies students used and (iv) present a proposal for the prototypical structure of this speech act set produced by those learners. The results point to a continuum between the act of criticism and the act of request. There is also evidence of two critical areas in the production of that act, one related to the erroneous use regarding formal and informal language (forms of address) and the other is caused by the coexistent use of strategies that lead to mitigation and intensification.

1. INTRODUÇÃO

Comunicar numa língua estrangeira (LE) implica dominar o sistema linguístico da língua-alvo, mas também ter uma certa competência pragmática, o que requer a posse de um conjunto de conhecimentos culturais acerca da comunidade-alvo.

Esta exigência reflete-se quer no plano da produção quer no plano da interpretação de atos ilocutórios. Com efeito, a competência acional assume uma clara centralidade no desenho da competência comunicativa e o escasso domínio desta componente pode gerar fracassos comunicativos com pesadas consequências no plano interpessoal.

O ato ilocutório de censura constitui um dos atos mais frequentes nas interações verbais quotidianas. Envolvendo uma forte componente emocional, a censura é um ato de natureza conflitual que ameaça a face dos interlocutores. Neste sentido, seria pertinente abordá-lo nas aulas de português língua não materna (PLNM), até porque nele estão envolvidos outros aspetos que não os estritamente linguísticos. Porém, este ato não é explorado pelos manuais de PLNM e não há, tanto quanto é do nosso conhecimento, nenhum estudo de natureza monolíngue sobre o ato de censura, em português europeu (PE).

Dada a escassez de *input*, é natural que os alunos evidenciem dificuldades na produção deste ato, cometendo erros de carácter pragmático e recorrendo a transferências da língua materna, podendo, conseqüentemente, ocorrer falhas ou quebras comunicativas.

Justifica-se, assim, o presente estudo, de carácter exploratório, em que se faz a análise de um corpus de produções orais de estudantes de PLNM, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, aos quais foi solicitada, em modalidade de *roleplay*, a produção de um ato ilocutório de censura, em contexto formal. Tomando como base o modelo de Nguyen (2005), descrevem-se as fórmulas semânticas utilizadas pelos estudantes e analisam-se as estratégias de modificação a que recorreram. Complementarmente, argumenta-se que o ato ilocutório de censura

constitui um ato de fala complexo, cujo objetivo ilocutório pode emergir da combinatória de valores semântico-pragmáticos hierarquicamente superiores aos de cada um dos segmentos que o constituem.

2. QUADRO TEÓRICO

A perspectiva acional da linguagem veio dar proeminência às ações sociais que realizamos através das palavras. Essas ações exigem que tenham de estar garantidas condições de felicidade (Austin, 1962), ou, na terminologia de Searle (1969), um conjunto de regras constitutivas que regulam a realização bem-sucedida desse ato¹.

Embora bastante pujante no início, tendo sido considerada um dos domínios nucleares da Pragmática, a análise dos atos ilocutórios não foi alvo de grande atenção nos últimos 30 anos (Levinson, 2017), excetuando na área da Pragmática da Interlíngua². Com efeito, a investigação sobre “second language (L2) learners’ knowledge, use, and development in performing socio-cultural functions” (Taguchi, 2017, p. 153) tem-se debruçado sobre a forma como os falantes não nativos compreendem e produzem os atos de fala.

Este ressurgimento do interesse em torno do tema tem sido acompanhado pela crítica a uma abordagem demasiado atomista dos atos de fala e pela progressiva tomada de consciência de que os enunciados têm uma natureza interativa, relacionando-se com outros em combinatórias complexas. Neste sentido, Van Dijk (1980), Blum-Kulka *et alii* (1989), Geis (1995) e Válková (2013) defendem que os atos de fala devem ser entendidos numa perspectiva mais discursiva e afirmam a existência de atos de fala complexos ou *speech act sets* (Cohen & Olshtain, 1981), conjuntos de enunciados proferidos por um único falante, numa só intervenção, em que é possível identificar um ou vários atos periféricos associados ao ato nuclear.

É necessário, entretanto, enfatizar que muitos destes atos subordinados, coadjuvantes do principal, têm uma função específica, pois constituem estratégias discursivas que o locutor

1. Searle (1966) refere quatro condições/regras: condição preparatória, condição de conteúdo proposicional, condição de sinceridade e condição essencial. Esta última regula o objetivo do ato, em função do anterior cumprimento das outras regras. Veja-se também o artigo de Vanderveken (1985), onde surge uma arguta e detalhada reflexão sobre o conceito de força ilocutória e sobre as condições que presidem à realização bem-sucedida de um ato de fala.

2. Também a Análise Conversacional aprofundou este domínio, com a relevância atribuída ao conceito de ‘par adjacente’ (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974; Schegloff, 2007).

SALEMA, LUÍS FERNANDO & CARAPINHA CONCEIÇÃO; “Não sei como dizer em português para não sembrare tão mal-educada” – o ato de censura na interlíngua de falantes de PLNM / “I don’t know how to say it in Portuguese without sounding so disrespectful” - the act of criticism in the interlanguage of non-native Portuguese speakers

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 246-275

mobiliza para evitar conflitos na comunicação (Leech 1983; Brown & Levinson, 1987)³. De facto, o nosso comportamento verbal encontra-se subordinado à pressão de normas sociais e é inegável que, na organização e funcionamento dos discursos, “operam constrangimentos rituais, ligados basicamente à face e ao território de cada falante, que convocam específicas normas sociais, como a cortesia, o tato, a generosidade, a modéstia, a respeitabilidade” (Fonseca, 1991, p. 286).

2.1. O ATO DE CENSURA – CARACTERIZAÇÃO

Na proposta de classificação dos atos ilocutórios gizada por Austin (1962, p. 83), o verbo ‘criticar’⁴ surge integrado no conjunto dos verbos comportativos (*behabitives*, no original), pois qualquer ato de crítica/censura traduz uma reação ao comportamento ou à conduta de outra pessoa (ou até da própria, no caso da autocensura). Para Tracy, Van Dusen e Robinson (1987, p. 56), a censura envolve “a negative evaluation of a person or an act for which he or she is deemed responsible”. No mesmo sentido, Nguyen (2008) define-a como um ato ilocutório cujo objetivo “is to give negative evaluation of the hearer’s (H) actions, choice, words, and products for which he or she may be held responsible” (p. 7). A expressão de uma avaliação negativa do comportamento do interlocutor pode ser também acompanhada pela clara mostra de insatisfação, por parte do locutor, e, no global, por uma clara manifestação de “disaffiliation” (Steensig & Drew, 2008, p. 7).

Partindo destas definições e considerando a tipologia dos atos ilocutórios proposta por Searle (1976), a censura não é um ato fácil de etiquetar. A componente de enunciação dominante parece ser a expressiva, porque ele “consiste na expressão de um estado psicológico do falante a propósito de um estado de coisas” (Vanderveken, 1985, p. 175). Complementarmente, ao configurar-se como uma forma de levar o ouvinte a corrigir o seu comportamento, assume também uma vertente diretiva (Xin, 2019).

3. A escolha dessas estratégias de delicadeza está, obviamente, ligada à indireção ilocutória.

4. Neste trabalho, ‘crítica’ e ‘censura’ serão entendidas como designações sinónimas, embora se prefira esta última. A opção por um ou outro termo, ao longo da exposição, será determinada pelo uso que os autores referenciados fazem dos dois termos.

Este caráter híbrido do ato ilocutório de censura dificulta a sua análise e reflete-se na explicitação das suas regras constitutivas, garantidas da realização bem-sucedida do ato. O objetivo primeiro do locutor (condição essencial) ao formular um ato de censura é expressar um estado de espírito negativo e desfavorável relativamente a um determinado comportamento do interlocutor, embora possa também contar como uma tentativa de evitar a repetição futura dessa atitude. No que diz respeito à condição de conteúdo proposicional, o locutor que produz esse ato apresenta, tipicamente, uma proposição que se reporta a um mundo pré-existente; todavia, ao censurar, o falante pode também remeter para um comportamento futuro que ele espera ver adotado pelo interlocutor. Quanto à condição de sinceridade, o estado psicológico expresso é o de insatisfação pelo comportamento do outro, mas também, indiretamente, o de volição (Searle, 1976, p. 4).

No quadro assim traçado, o ato de censura configura um claro exemplo de um FTA – *face-threatening act* (Brown & Levinson, 1987) – porque constitui uma ameaça à face positiva do outro que, dessa forma, vê o valor social do ‘eu’ ameaçado pelo locutor, embora, indiretamente, possa também ser um ato ameaçador da sua face negativa, uma vez que constitui um eventual obstáculo à sua liberdade de decisão ou de atuação.

Quando se torna necessário criticar um interlocutor mais poderoso, os locutores tendem a organizar uma intervenção mais complexa, pois deparam-se com a consecução de objetivos que, em si mesmos, são conflitantes: é imperioso tecer um reparo e, em simultâneo, ser cortês, o que obriga os falantes a tomar opções, tentando evitar rupturas no contrato conversacional (Fraser & Nolen, 1981) tacitamente celebrado entre os interlocutores. Do ponto de vista pragmalinguístico, o ato de censura envolve, assim, três dimensões importantes: (i) a escolha do nível de diretividade, (ii) a escolha de modificadores internos, ou seja, de expressões suscetíveis de mitigar ou de intensificar o conteúdo proposicional do ato e (iii) a escolha de modificadores externos, ou seja, de sequências periféricas, introdutórias ou subseqüentes ao ato de fala nuclear (Farnia e Sattar, 2015)⁵. Do ponto de vista sociopragmático, muitas destas escolhas são

5. Sobre os conceitos de modificação interna e de modificação externa veja-se Soares (1996). Nele, surge um levantamento exaustivo dos mecanismos acionados na modificação de atos ilocutórios (diretivos e assertivos, essencialmente). A abordagem parte de um enquadramento teórico e contempla a análise de um *corpus* com realizações discursivas extraídas de textos literários (dramáticos e narrativos) do PE contemporâneo.

SALEMA, LUÍS FERNANDO & CARAPINHA CONCEIÇÃO; *“Não sei como dizer em português para não sembrare tão mal-educada” – o ato de censura na interlíngua de falantes de PLNM / “I don’t know how to say it in Portuguese without sounding so disrespectful” - the act of criticism in the interlanguage of non-native Portuguese speakers*

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 246-275

determinadas por variáveis situacionais/contextuais, nomeadamente a maior ou menor proximidade social existente entre os interlocutores e as relações de poder que entre eles existem.

2.2. A RELEVÂNCIA DOS ATOS DE FALA NO ENSINO DE L2/LE

Assumir o paradigma comunicativo no ensino de LE implica atender ao desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Porém, enquanto alguns atos ilocutórios são objeto de ensino explícito, como é o caso dos pedidos e dos pedidos de desculpa, outros, mais complexos, não são sequer abordados. Por outro lado, o número de alunos por turma, as poucas horas de contacto entre o professor e o aluno e ainda as poucas oportunidades de interação com nativos podem ser fatores que obstaculizam as aprendizagens de carácter pragmático (Rose, 1999), razão por que a importância do ensino explícito dos atos de fala é indiscutível.

O reconhecimento da importância dos atos de fala na interação verbal esteve na origem do crescente interesse pelos processos de aquisição de conhecimento pragmático, em contextos de aprendizagem de LE, sobretudo a partir do final da década de 70 do século XX. Esses trabalhos têm permitido observar, de forma sistemática, os usos da língua convocados pelos alunos e essa observação tem identificado os reais problemas linguísticos dos sujeitos em aprendizagem, ao nível da compreensão, da produção e da utilização da língua em contexto.

Embora hoje se reconheça que a realização de diferentes atos ilocutórios está dependente de condições socioculturais específicas em cada comunidade, considera-se que é possível estabelecer uma comparação entre aspetos pragmáticos de diferentes línguas. Desta forma, é possível identificar as áreas mais problemáticas e desenvolver estratégias de ensino que permitam aos estudantes ultrapassar dificuldades e alcançar um maior desenvolvimento das competências pragmáticas na língua-alvo.

2.3. O ATO DE CENSURA EM CONTEXTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE L2/LE

6. O conceito de *ethos*, que remonta à antiga Retórica, tem sido hodiernamente trabalhado, sobretudo no âmbito da Análise de Discurso de filiação francófona, com os trabalhos de Amossy (1999, 2010), Charaudeau (2005), Maingueneau (2002, 2013, 2014), mas também com contributos mais recentes como os de Errecart (2019). Designando a imagem de si mesmo que um locutor constrói ao usar da palavra, a expressão *ethos* pode também referir o conjunto de valores culturais que orientam a forma como os falantes de uma determinada comunidade interagem socialmente, por outras palavras, o *ethos* coletivo (Marques, 2016). Neste sentido, o *ethos* de uma comunidade pode envolver questões sociopragmáticas relevantes para o entendimento da interação verbal nessa comunidade. Apesar de se tratar de um conceito difícil de definir, “slippery, vulnerable to charges of stereotyping and thus too often neglected [it] can nevertheless provide a useful broad framework within which learners can explore what may be considered relevant or important in an unfamiliar culture” (Yates, 2010, p. 298).

Pese embora a sua frequência na interação verbal entre nativos, não são abundantes os estudos sobre os atos de censura ou de crítica.

Alguns dos trabalhos sobre o ato de censura têm analisado o impacto da distância social existente entre o locutor e o interlocutor, bem como o efeito da crítica na relação existente entre ambos (Farnia e Sattar 2015; Hoa, 2007) e ainda as estratégias de direção e indireção ilocutórias utilizadas (Farnia e Sattar, 2015). Por outro lado, muitos destes estudos estão centrados em contextos em que os falantes partilham a mesma língua materna (Al Kayed e Al-Ghoweri, 2019) ou uma língua franca (El-Dakhs *et al.*, 2019) e apresentam conclusões bastante díspares, decorrentes das metodologias utilizadas na recolha e na análise dos dados, e refletindo também o facto de o *ethos*⁶ cultural ser diferente.

Os estudos de natureza contrastiva sugerem que os alunos de uma L2/LE apresentam maior risco de ofender os seus interlocutores ao realizarem censuras. Num estudo sobre o desempenho de alunos japoneses, em interação com professores americanos, Beebe e Takahashi (1989) demonstraram que os alunos japoneses produziam críticas mais explícitas, ao passo que os americanos recorriam a estratégias de mitigação, realizando críticas menos explícitas. Estes resultados parecem contrariar estereótipos que pressupõem que os japoneses são tendencialmente mais indiretos que os americanos. No entanto, uma outra razão se perfila para justificar estas diferenças: a proficiência linguística dos falantes não nativos pode levá-los a concentrar-se nos aspetos gramaticais/formais dos enunciados e a descurar a dimensão sociopragmática.

Ao analisar as apreciações negativas realizadas em contextos laborais onde interagiam japoneses e americanos, Miller (2008), por seu turno, concluiu que os falantes de ambas as línguas realizavam avaliações negativas com hesitações e recorrendo a sequências preparatórias para minimizar o risco de ofensa. Contudo, as estratégias de mitigação produzidas pelos japoneses

SALEMA, LUÍS FERNANDO & CARAPINHA CONCEIÇÃO; “Não sei como dizer em português para não sembrare tão mal-educada” – o ato de censura na interlíngua de falantes de PLNM / “I don’t know how to say it in Portuguese without sounding so disrespectful” - the act of criticism in the interlanguage of non-native Portuguese speakers

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 246-275

nem sempre eram reconhecidas pelos interlocutores, o que parece ser revelador de uma competência sociopragmática ainda em construção e pouco consolidada.

Mais importantes para o nosso estudo são os trabalhos de Nguyen (2005, 2013), sobre a forma como estudantes vietnamitas de inglês como L2/LE criticavam e respondiam às críticas, quando comparados com nativos de inglês australiano. Os estudantes vietnamitas, cujas críticas “were mitigated with a much lower frequency than those produced by the Australian NSs, making the learners appear quite untactful interlocutors” (Nguyen, 2005, p. 285) tentavam também fazer uso da indireção aquando da produção do ato de crítica. Contudo, essa indireção não se traduzia, necessariamente, em maior delicadeza, pois utilizavam formas linguísticas que poderiam indiciar imposição. Nestas situações, prefigurava-se, claramente, a existência de erros sociopragmáticos (Thomas, 1983, p. 104), ou seja, de produções problemáticas resultantes de diferentes perceções relativamente aos comportamentos linguísticos tidos como socialmente adequados.

O trabalho de Nguyen (2005) – modelo para muitas das análises do ato de crítica – apresenta uma primeira sistematização das fórmulas semânticas utilizadas no ato em apreço. Não obstante a possibilidade de ocorrência de críticas constituídas por um único enunciado, o ato ilocutório de censura constitui, habitualmente, um *speech act set*, ou seja, um conjunto dessas possíveis fórmulas: a avaliação negativa, a expressão de desaprovação/insatisfação, a identificação do problema, a exigência de mudança, a atribuição de responsabilidades, a explicitação da relevância do problema, a indicação de um padrão de conduta e a explicitação de dificuldades ou da preocupação do locutor. Aliás, considerando o contexto, assimétrico, que enquadra os dados em análise, é natural que os locutores – os alunos – tendam a produzir um conjunto mais ou menos extenso de enunciados, na tentativa de formular a crítica de modo a preservar a boa relação interpessoal com o professor.

É precisamente tendo em conta este último aspeto que a proposta da autora apresenta, igual-

mente, um conjunto de estratégias de modificação linguística postas ao serviço da concretização do objetivo ilocutório do ato de crítica/censura. Embora a presença destas estratégias possa ocasionar a atenuação ou a intensificação do ato em análise, aspeto que será explorado neste trabalho, Nguyen (2005) não estabelece essa distinção, distinguindo apenas os modificadores externos dos modificadores internos. Estas últimas estratégias atuam no âmbito do ato diretor, atenuando ou reforçando o seu impacto, e podem ser de natureza lexical ou sintática; aqueles, também apelidados de *supportive moves*, constituem enunciados autónomos, antecedem ou seguem o ato diretor e podem também mitigar a sua força ou, pelo contrário, reforçá-la. Nesta análise, evidenciar-se-ão, sobretudo, as estratégias de modificação externa com objetivos mitigatórios, utilizadas pelos alunos, nomeadamente as justificações e os enunciados preparatórios.

O modelo proposto por Nguyen permitiu considerar três questões que vão orientar a presente reflexão: (i) Quais as fórmulas semânticas envolvidas nos atos ilocutórios de censura existentes no *corpus*?; (ii) Quais são as unidades comunicativas mínimas que compõem este *speech act set* de censura? e (iii) Que estruturas linguísticas de modificação surgem representadas no *corpus*?

O estudo terá, assim, três grandes objetivos: (i) descrever as principais estruturas linguísticas selecionadas pelos informantes, na realização de atos de censura, em contexto formal; (ii) fazer o levantamento dos padrões de organização sequencial do ato de censura; e (iii) analisar as estratégias de modificação mais utilizadas.

3. METODOLOGIA

Partindo do *Corpus Oral de Português L2 (COraL-Co)*⁷, constituiu-se um *subcorpus* com produções orais de 25 informantes (16 do género feminino e 9 do género masculino), estudantes adultos que frequentavam, no momento da recolha (2014 e 2015), cursos e unidades curriculares de PLNM na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

7. Para mais informações sobre o *corpus* veja-se <http://teitok2.iltec.pt/coralco/index.php?action=home>.

SALEMA, LUÍS FERNANDO & CARAPINHA CONCEIÇÃO; “Não sei como dizer em português para não sembrare tão mal-educada” – o ato de censura na interlíngua de falantes de PLNM / “I don’t know how to say it in Portuguese without sounding so disrespectful” - the act of criticism in the interlanguage of non-native Portuguese speakers

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 246-275

Com o objetivo de ilustrar uma competência pragmática em construção, num contexto de interlíngua⁸ analisaram-se apenas produções de falantes de nível B1, com diferentes línguas maternas⁹. Esta opção justifica-se pelo facto de as produções dos informantes do nível A2 poderem apresentar um número considerável de desvios que inviabilizariam uma análise robusta dos dados e pelo facto de as produções dos alunos de níveis mais avançados (B2 ou C1) poderem estar já bastante mais próximas das realizadas por um falante nativo.

Nesta análise, considerou-se a Tarefa 2 – *Elicitação de atos ilocutórios* – tarefa que permite, através de *role-play*, simular situações banais suscetíveis de gerar diferentes tipos de atos ilocutórios, por entre os quais se acha o ato ilocutório de censura. A escolha do contexto formal justifica-se pelo facto de pretendermos analisar um FTA, produzido em contexto assimétrico, por um aluno, tendo como interlocutor um professor – um contexto conflitual, em que as variáveis da distância social e do poder são determinantes.

As produções solicitadas aos alunos partiram do estímulo: “*Imagine que um dos seus professores prometeu escrever-lhe uma carta de recomendação. Quando a vai buscar, ela ainda não está escrita e a sua entrevista de emprego tem lugar daí a 30 minutos. O que é que lhe dizia / diria?*”.¹⁰

Após a audição e leitura das 25 produções orais, procedeu-se à sua análise, seguindo a proposta de codificação de Nguyen (2005). Consideraram-se, portanto, as fórmulas semânticas utilizadas e as estratégias de modificação (externa e interna) do ato ilocutório de censura. Para avaliar a representatividade das fórmulas semânticas e das estruturas de modificação externa usadas no *corpus* foram adotados procedimentos estatísticos. Relativamente às estratégias de modificação interna, optou-se por uma análise descritiva, de carácter qualitativo, concretizada através de comentários, ao longo da exposição.

8. Aos estudantes de nível A1 não foi solicitada a produção do ato de censura.

9. Apresenta-se, de seguida, cada uma das línguas maternas, pela ordem decrescente do número de informantes: espanhol (7), italiano (5), francês (3), polaco (3), catalão (1), concani (1), coreano (1), hindi (1) inglês (1), japonês (1) e vietnamita (1).

10. As convenções de transcrição adotadas pela equipa de investigadores responsáveis pelo tratamento do *corpus* foram aqui utilizadas e encontram-se disponíveis em http://teitok2.iltec.pt/coralco/pdf/COraI-Co_conven%C3%A7%C3%B5es%20de%20transcri%C3%A7%C3%A3o.pdf. Para melhorar a comodidade de leitura, retiraram-se as anotações referentes aos segmentos ininteligíveis.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1. FÓRMULAS SEMÂNTICAS E ESTRATÉGIAS DE MODIFICAÇÃO DO ATO DE CENSURA

Seguindo o modelo de Nguyen (2005), a análise teve em conta a distinção entre censura direta e indireta. O primeiro aspeto a salientar diz respeito à clara predileção dos informantes pelas estratégias indiretas na realização do ato censório (78,5% contra 21,5%). Por outro lado, e contrariamente a outras investigações sobre o ato ilocutório de crítica/censura (Al-Kayed & Al-Ghowery, 2019, Farnia e Sattar, 2015, Nguyen, 2005, 2008, Xin, 2019), os informantes recorreram a um conjunto pouco diversificado de estratégias de censura direta¹¹, sendo a expressão de desaprovação/insatisfação a estratégia direta mais utilizada (13,8%).

11. A dimensão reduzida do nosso *corpus* poderá justificar a pouca diversidade de estratégias encontradas.

A explicitação de consequências e a identificação de problema, com representatividade idêntica no *corpus* (3,9%), foram outras estratégias de censura direta a que os informantes recorreram. A estratégia indireta preferencialmente escolhida foi o pedido de mudança/não repetição (31,4%). O Quadro 1 dá conta dessas estratégias, que correspondem a sete fórmulas semânticas distintas:

Quadro 1 - Fórmulas semânticas envolvidas no ato ilocutório de censura

Tipo	Frequência	Percentagem
1. Estratégias diretas	11	21,5%
a. Explicitação de consequências	2	3,9%
b. Expressão de desaprovação/insatisfação	7	13,8%
c. Identificação de problema	2	3,9%
2. Estratégias indiretas	40	78,5%
a. Explicitação da relevância do problema	10	19,6%
b. Expressão de necessidade/dificuldade	9	17,6%
c. Pedido de mudança/não repetição	16	31,4%
d. Solicitação de razão	5	9,8%

A expressão de desaprovação/insatisfação originou enunciados como os dos exemplos (1) e (2):

(1) *Ah ó professor porque não tens feito o teu trabalho se me disse que que ya tar feito a rema a re a recomendação* COOral-CO006¹²

(2) *Ah não fa você não me escribió a minha carta* COOral-CO091

Os enunciados transcritos são manifestações verbais de desagrado (condição de sinceridade), para com a ação do interlocutor. Situada na esfera do passado, a ação reporta-se a algo que deveria ter sido realizado pelo professor e não foi (condição de conteúdo proposicional), contrariando, assim, os interesses dos locutores (condição preparatória). Ao proferir estes atos, os locutores expressam a sua intenção comunicativa (condição essencial) de censura.

Estes atos diretos revelam-se desajustados face ao quadro interacional desenhado pelo estímulo, que configura um contexto caracterizado pela formalidade, pela distância e pela assimetria de poderes. A esta inadequação não é alheio o erro sociopragmático que decorre da utilização de uma forma de tratamento inadequada (‘tu’ e ‘você’, respetivamente).

A explicitação das consequências (negativas para o locutor) causadas pelo comportamento do interlocutor constitui outra estratégia direta utilizada na formulação da censura (3,9%), como se evidencia nos exemplos (3) e (4):

(3) (...) *não posso não posso Eh conseguir o am o emprego* COOral-CO071

(4) (...) *eu Ah vou a tener problemas para minha entrevista* COOral-CO091

Apontar os problemas, falhas ou erros do ouvinte constitui uma outra estratégia de censura direta representada no *corpus* (3,9%), e que surge ilustrada no exemplo (5):

(5) (...) *mas acho que o senhor esquece de escrever a minha re Ah Uhm revista carta.* COOral-CO119

12. O número do informante coincide com o número que lhe foi atribuído na codificação do *corpus* COOral-CO. Dado que todos os informantes se encontravam no nível B1 de proficiência linguística, optou-se apenas pela designação do *corpus* e do número do informante.

Relativamente às estratégias de censura indireta (78,5%), a mais recorrente foi o pedido de mudança/não repetição do comportamento (31,4%), seguida da explicitação da relevância do problema (19,6%) e da expressão de necessidade/dificuldade (17,6%) por parte do locutor. Considerando o modelo de Nguyen (2005)¹³, nestes casos de indireção ilocutória também não se registou grande diversidade.

13. Os estudos revistos identificam outras estratégias, nomeadamente *suggestion for change, asking/presupposing, advice about change, other hints, indicating standard, preaching, say nothing, correction e expression of uncertainty* (Al-Kayed & Al-Ghowery, 2019:109, Nguyen, 2005, p. 113-114). As razões já aduzidas podem justificar a pouca diversidade das fórmulas utilizadas pelos nossos informantes.

O pedido de mudança/não repetição do comportamento corresponde a uma solicitação (ato direto) para atenuar os danos decorrentes do incumprimento do interlocutor, como mostram os exemplos (6) a (10):

(6) *Eh por favor professor tem que escrever já* COral-CO115

(7) *Oh pôde escrever a carta do recomendação* COral-CO030

(8) *eu peço-le peço-lhe que a faça faça a carta mesmo neste momento* COral-CO031

(9) (...) *mas vou pedir mais uma vez* COral-CO038

(10) (...) *então agradeceria que você podiare fazer a carta* COral-CO042

Ao recorrer a esta estratégia, o locutor pede ao ouvinte para escrever a carta de recomendação, e estes pedidos podem ser enunciados de forma direta, como acontece no exemplo (6), ou indireta, como no exemplo (10). Nestes casos, os locutores realizam um pedido com um valor ilocutório derivado de censura. Refira-se, a propósito de (6), que o marcador de modalização deontica ‘tem que’ pode ser considerado inadequado, atendendo ao contexto institucional que preside à relação entre o professor e o aluno. De facto, a formulação adotada em (6) poderia até configurar a enunciação de uma ordem (veja-se a presença do advérbio intensificador ‘já’) e não de um pedido, embora tal interpretação possa ficar bloqueada devido ao facto de o locutor não ter autoridade, pois, tal como afirma Casanova (1996, p. 431), “[s]ó ordena quem tem poder: sem poder só o desejo é possível”.

Noutros casos, como mostram os exemplos (7) a (10), a indireção ilocutória manifesta-se

através da codificação do próprio ato censório, pois os locutores ‘apenas’ formulam pedidos, podendo tais pedidos ser interpretados como censuras veladas. Não podendo criticar de forma direta e explícita o professor, os falantes recorrem a estes enunciados diretivos que poderão, se satisfeitos, remediar a situação. Esta estratégia de indireção ilocutória concretiza-se através da questionação de uma das condições preparatórias do ato de pedir (7) ou através da asserção de uma das condições de felicidade desse ato, como em (10). Contudo, importa considerar que as construções perifrásticas com o verbo ‘pedir’ podem também ser interpretadas como estratégias atenuadoras que visam evitar mal-entendidos, ou seja, como estruturas de modificação interna da formulação do pedido, como acontece em (8) e (9).

A segunda estratégia indireta mais representada no *corpus* (19,6%) foi a explicitação da relevância do problema, implicando que esse problema deve ser tido em consideração pelo professor. A relevância do problema pode ser apresentada de forma explícita, através de um enunciado assertivo, com o recurso a estruturas de intensificação que envolvem a utilização de adjetivos adnominais qualificativos, geralmente flexionados no grau superlativo absoluto analítico, como mostram os exemplos (11) a (13):

(11) (...) e a a carta é muito importante **CO**ral-CO071

(12) (...) e pra mim é muito importante que você escrevesse **CO**ral-CO082

(13) Eh tenho uma entrevista muito importante e seria muito importante para mim **CO**ral-CO078

A expressão de necessidade/dificuldade constituiu a terceira estratégia indireta mais utilizada (17,6%). Nos exemplos (14) e (15), e tal como no caso anterior, os locutores formulam um enunciado de natureza assertiva, explicitando a necessidade de obter a carta e implicando que o interlocutor falhou, ao quebrar o compromisso antes assumido. Observem-se os exemplos (14) e (15):

(14) Senhor professor eu preciso muito de Ah da sua carta **CO**ral-CO004

(15) (...) *mas eu preciso mesmo de da carta* CO_{Oral}-CO031

Nestes exemplos, verifica-se a presença de advérbios intensificadores (*muito e mesmo*) que reforçam o valor de verdade da asserção. Refira-se ainda que a expressão da necessidade pode ser verbalizada através do uso da categoria nominal, como em (16):

(16) *Professor eu tenho uma urgência pela entrevista que eu vou fazer para um trabalho que eu estou a procurar* CO_{Oral}-CO042

Dos dados analisados, e de acordo com a preponderância de atos ilocutórios formulados indiretamente, a maioria das críticas apresenta enunciados centrados no próprio falante e nos seus problemas e necessidades. Mesmo no caso do pedido de mudança/não repetição do comportamento, fórmula semântica que esperaríamos ver orientada para a figura do interlocutor, muitas vezes é o locutor que assume o ónus do pedido. Estas observações parecem estar em linha com a tentativa de evitar o confronto direto com o professor, estratégia comunicativa que é expectável numa situação formal, caracterizada por uma clara distância social e uma marcada assimetria de poder.

Como foi já referido, a censura constitui, habitualmente, um complexo ilocutório em que há, prototipicamente, um ato nuclear, que concretiza a censura, e um ou mais atos periféricos cuja função é coadjuvar o ato nuclear. Estes enunciados adicionais atuam, portanto, como modificadores do ato ilocutório principal e podem ser divididos em dois grupos distintos, correspondendo os modificadores internos às estratégias que atuam no interior do ato diretor [já aqui mencionados a propósito dos exemplos (6) – (15)], e os modificadores externos aos que antecedem ou seguem o ato nuclear.

No que diz respeito às estratégias de modificação externa, os resultados obtidos encontram-se sistematizados no Quadro 2¹⁴:

14. Razões de ordem metodológica justificam a categorização apresentada neste Quadro. Com efeito, e para conseguir efetuar a análise, foi necessário discretizar estratégias, afetando-as a um dos dois domínios de modificação linguística (atenuação e intensificação), embora se reconheça que não se trata de categorias estanques, mas antes dispostas ao longo de um *continuum* (Briz Gómez e Estellés Arguedas, 2010, e.o.) e, mais ainda, se reconheça que não raro se combinam, podendo até desempenhar uma dupla função (Kern, 2017, e.o.). A combinação de estratégias e a ambivalência de algumas delas serão retomadas no final desta secção.

Tipo	Frequência	Porcentagem	Exemplos
1. Atenuadoras	25	86,2%	
a. Desativadores (disarmers)¹⁵	4	13,8%	<i>Ah Uhm d <u>desculpa</u></i> COral-CO119
b. Expressões consultivas	3	10,3%	<i><u>o que posso fazer agora?</u></i> COral-CO001
c. Expressões de cortesia	4	13,8%	<i><u>Por favor professor poderia escrever a carta</u></i> COral-CO078
d. Justificadores (grounders)	11	37,9%	<i><u>porque daqui a pouco Ah tenho uma entrevista pra o trabalho</u></i> COral-CO082
e. Segmentos preparatórios (steers)	3	10,3%	<i>Professor estou muito atrasado pra entrevista</i> COral-CO030
2. Intensificadoras	4	13,8%	<i>tenho que ter a a carta de recomendação</i> COral-CO115

Na categoria dos justificadores, a mais produtiva no *corpus*, incluem-se expressões que permitem ao locutor explicar ou justificar o seu ato de censura, o que comprova que os alunos são sensíveis à necessidade de tomar em consideração parâmetros de natureza sociocultural na comunicação. Ao recorrerem a estes enunciados, tentam evitar que o interlocutor se sinta ameaçado, na sua face positiva ou negativa, e pretendem que ele acabe por (re)agir em conformidade, como se evidencia no exemplo (17)¹⁶:

(17) *Eh por favor professor tem que escrever já* ↓ *porque eu tenho a minha entrevista agora* ↑ *mesmo* ↑ *e tenho que ter a a carta de recomendação.* COral-CO115

Nestes exemplos, é possível considerar que o segmento justificativo constitui uma estratégia discursiva de mitigação de efeitos indesejados na interação, decorrentes da dimensão jussiva

Quadro 2 - Estratégias externas de modificação linguística (atenuadoras e intensificadoras)

15. Os termos em inglês, apresentados por House & Kasper (1981), referem estruturas com a função de diminuir a força ilocutória de um enunciado. Segundo Xin (2019), o modelo de Nguyen (2005) propõe alguns tipos de estratégias de modificação linguística, sem referir a sua função atenuadora/intensificadora. A análise aqui apresentada resulta de uma ‘polinização cruzada’ entre o preconizado nesses modelos e no de Culpeper (2011), que apresenta algumas estratégias intensificadoras, de natureza lexical e gramatical.

16. Para uma maior clareza da leitura, as estratégias de atenuação surgem acompanhadas da representação gráfica ↓ e as de intensificação serão acompanhadas da notação ↑, colocadas antes do segmento a que se reportam.

do segmento que inicia o exemplo, evidente em expressões como *tem que escrever* e no uso do advérbio *já*. Contudo, é de assinalar a presença de advérbios intensificadores, como *agora* e *mesmo* e a utilização da perífrase de natureza deôntica *tenho que ter* como elementos que parecem contrariar esse valor atenuador; esta combinação de estratégias pode encontrar justificação na situação, impendente, vivida pelo locutor, o qual precisa de ser cortês, mas também impositivo, na tentativa de obter a carta de recomendação.¹⁷

17. Numa interpretação alternativa do segmento, poder-se-á considerar que esta associação de estratégias constitui um indício de que a competência comunicativa do aprendente está ainda em construção.

Uma outra forma de mitigar eventuais efeitos negativos do ato de censura é recorrer às estratégias desativadoras. Os enunciados com esta função são expressões de reconhecimento do problema, tais como os pedidos de desculpa e os lamentos. Através da sua utilização, os informantes demonstram ter consciência da potencial ofensa causada pelo seu ato, como se verifica nos exemplos (18) e (19):

(18) ↓ *Ah Uhm d desculpa ↓ mas acho ↓ que o senhor esquece de escrever a minha re Ah Uhm revista carta podiva ↓ ser agora .↑ ↓? Hhh COral-CO119*

(19) ↓ *Professor eu sinto muito tirar do seu tempo mas eu preciso mesmo .↑ da carta eu peço-lhe que faça a carta mesmo neste momento .↑ COral-CO031*

Em (18), além da expressão desativadora inicial, que produz um efeito atenuador, há ainda a utilização de um modalizador epistémico, atenuador do valor de verdade do conteúdo assertado (*acho que*) e o recurso à forma do imperfeito de cortesia (**podiva*) que reforça também esse valor. Embora a presença do advérbio *agora* possa assumir um valor impositivo, contrariando o tom mitigador que ressalta de todo o enunciado, a estrutura interrogativa em que ele se encontra acaba por anular, de certa forma, essa exigência. Na globalidade, podemos dizer que o segmento iniciado com a forma do verbo *poder* constitui uma maneira de atenuar o segmento precedente, sendo, por isso, uma estratégia de modificação externa.

No exemplo (19), o falante inicia a sua intervenção com um lamento, ato ilocutório expressivo que constitui uma estratégia de modificação externa, de natureza atenuadora, configuran-

SALEMA, LUÍS FERNANDO & CARAPINHA CONCEIÇÃO; “Não sei como dizer em português para não sembrare tão mal-educada” – o ato de censura na interlíngua de falantes de PLNM / “I don’t know how to say it in Portuguese without sounding so disrespectful” - the act of criticism in the interlanguage of non-native Portuguese speakers

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 246-275

do uma estratégia de proteção da face. Todavia, esta estratégia é contrariada pelas estratégias intensificadoras do pedido que, neste caso, constitui o ato diretor. O verbo performativo *peço*, o advérbio *mesmo* e a expressão temporal deítica *neste momento* refletem um locutor que se apresenta numa posição subalterna, mas que, na iminência da hora da entrevista, se sente autorizado a invadir o território do professor e a instigá-lo a agir. Uma vez mais, esta sequência evidencia as dificuldades do aprendente e o efeito paradoxal resultante da combinação de estratégias atenuadoras e intensificadoras.

Os segmentos verbais preparatórios (também conhecidos por preliminares) pretendem mitigar a invasão da territorialidade do interlocutor e orientar a interação no sentido de aceitar a intenção comunicativa do falante. Introduzindo o tema da carta que o próprio aluno redigiu, o segmento sublinhado de (20) constitui uma sequência preparatória do pedido que o locutor faz ao interlocutor:

(20) Professor esqueci para dizer este cartão de recomendação Uhm que me prometeu para escribir preciso agora e à noite eu escrevi meu recomendação um texto ↓ eu quero você que ler e se gosta assina. **COral-CO032**

No *corpus* estudado, estas estratégias preparatórias não são frequentes, o que denota a incapacidade destes locutores em estabelecer um contexto prévio que prepare a ocorrência do ato nuclear e que garanta o seu sucesso.

Apesar de menos frequentes (13,8% do total), surgem, no *corpus*, algumas estratégias de modificação externa de natureza intensificadora. O exemplo (21) evidencia um desses casos:

(21) Senhor professor eu tenho de ir ao em Ah eu te Ah eu tenho uma entrevista em trinta minutos então você Ah por favor escreva a carta assim que possível ↑ porque é urgente tenho urgência **COral-CO051**

O segmento sublinhado constitui uma sequência justificadora que, ao contrário do que surge preconizado no esquema de Nguyen (2005), não nos parece ter uma função atenuadora,

18. Ver nota de rodapé 14, sobre a possível combinação de estratégias.

mas antes reforçadora do pedido que é feito anteriormente.¹⁸ No exemplo apresentado, ao referir a urgência da satisfação do pedido (*é urgente*), reforçada pela reiteração (*tenho urgência*) o locutor está já a pressionar o interlocutor a escrever a carta, de imediato, o que enfatiza o facto de este estar em incumprimento por não a ter escrito. Assim, “os atos justificativos atenuam estrategicamente, por um lado, e reforçam, por outro” (Soares, 1996, p. 120) e o locutor, “ao avançar um motivo para que essa instrução seja aceite, está já a influir na decisão do alocutário” (Soares, 1996, p. 22).

4.2. A NATUREZA COMPÓSITA DO ATO DE CENSURA

Os exemplos analisados ilustram a composicionalidade e o carácter híbrido do ato ilocutório de censura. De facto, os atos de censura produzidos pela generalidade dos informantes resultam da agregação de várias unidades comunicativas mínimas, organizadas em torno de um ato nuclear, configurando um ato ilocutório complexo, ou *speech act set* (Cohen & Olshtain, 1981). Este pode ser entendido como um conjunto de unidades menores “which, if produced together, contribute in a specific way to a global scenario representing a ‘sequentially’ emergent complete speech act” (Válková, 2013, p. 44).

Nesta linha, a análise do *corpus* e das estratégias maioritariamente utilizadas permitiu-nos traçar uma proposta da estrutura prototípica do ato de censura, no que se refere à sua composição interna e à sequencialização ilocutória, seguindo uma linha de pensamento idêntica à de Válková (2013) para outros atos do discurso:

Quadro 3 - Modelo do *speech act set* de censura

(1)	(2)	(3)
Pedido de desculpa OU Asserção geral para <i>captatio benevolentiae</i>	Manifestação do desagrado/insatisfação OU Identificação de um problema/explicação de consequências OU Formulação de pedido para alteração de um estado de coisas	Explicitação da relevância do problema OU Reforço do pedido

O modelo apresentado no Quadro 3 pode ser ilustrado através dos *speech act sets* que a seguir se apresentam, em (22) e (23), retirados do *corpus*:

(22) *Desculpe queria saber Ah Ah como posso fazer agora (1) / porque tenho hhh um compromisso agora e não tenho Uhm a carta como é possível? / (2) o que posso fazer agora? pra mim é muito importante (3) COral-CO001*

(23) *Senhor professor eu tenho de ir ao em Ah eu te Ah eu tenho uma entrevista em trinta minutos (1) / então você Ah por favor escreva a carta assim que possível (2) / porque é urgente tenho urgência (3) COral-CO051*

Embora a identificação das unidades discretas constitutivas do ato de censura seja fundamental e nos permita identificar tendências, no que diz respeito à sua produção por alunos de PLNM, importa ainda considerar uma outra perspectiva de análise. As palavras de Xin (2019), relativas ao ato de crítica produzido por alunos chineses, parecem ser transponíveis para mui-

tos atos de censura que constituem o *corpus* estudado. Com efeito, a crítica “pode surgir sob a forma de um conjunto de enunciados que valem, como um todo, pelo seu efeito cumulativo, sem que possamos indicar que um deles é, especificamente, o ato nuclear que transmite a crítica” (Xin, 2019, p. 28). Muitas vezes, o ato de censura apresenta sequências em que o locutor identifica um problema, refere as consequências negativas que desse problema advêm, elabora um pedido e expressa as suas dificuldades. E, com esta sequencialidade de atos, produz valores ilocutórios que vão além dos valores específicos de cada ato considerado individualmente e por entre os quais é difícil identificar o ato nuclear. No dizer de Nguyen (2005: 14), são essas componentes combinadas que concorrem para o fim ilocutório, sendo que “each of which carries a different illocutionary force and none of which is the head act”.

5. NOTAS FINAIS

Este estudo permitiu concluir que os alunos de PLNM preferem as estratégias indiretas para realizar atos ilocutórios de censura. Esta opção comprova que os informantes têm a percepção de que o ato de censura é um ato ameaçador da face do interlocutor e de que estão a interagir no âmbito de uma relação assimétrica. Aliás, a consciência dessa potencial ofensa é explicitamente expressa por um dos informantes. No exemplo (24), que constituiu o mote para o presente texto, o locutor acaba por não realizar o ato de censura, apresentando antes uma reflexão metalinguística sobre a natureza ameaçadora do ato e sobre a dificuldade de selecionar as estruturas linguísticas adequadas ao contexto, desafio dificilmente ultrapassável para um falante não-nativo:

(24) *Obrigado mesmo mas não sei é que n não sei como se for em italiano io estava Uhm chateada e não dava meu problema para dizer-lo mas n e em português? não sei como dizer em português para não sembrare tão cati cativa mal-educada hhh não sei como posso dizer em português isto* COral-CO122

SALEMA, LUÍS FERNANDO & CARAPINHA CONCEIÇÃO; “Não sei como dizer em português para não sembrare tão mal-educada” – o ato de censura na interlíngua de falantes de PLNM / “I don’t know how to say it in Portuguese without sounding so disrespectful” - the act of criticism in the interlanguage of non-native Portuguese speakers

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 246-275

Ainda assim, e segundo a análise realizada, os informantes evidenciaram, no geral, um conhecimento retórico-pragmático que lhes permitiu realizar atos de censura, recorrendo a estruturas de modificação externa, sobretudo de natureza atenuadora.

O estudo permitiu ainda concluir que o ato de censura pode ser perspectivado como um complexo ilocutório, constituído por várias unidades comunicativas mínimas. De facto, em algumas realizações, é possível identificar vários enunciados periféricos que gravitam em torno de um enunciado nuclear. Noutras, estaremos perante sequências ilocutórias exocêntricas, ou seja, desprovidas de núcleo. Nestas, o valor censório resulta das múltiplas interseções que emergem da organização sequencial de unidades comunicativas mínimas, configuradoras de uma macrounidade ilocutória de sentido holístico.

Cruzando os dois aspetos, isto é, o facto de se tratar de um ato ameaçador, a formular perante um interlocutor mais poderoso, e o facto de grande parte das produções linguísticas analisadas exibirem uma sequência de atos ilocutórios em que, dificilmente, se reconhece um ato de censura, julgamos pertinente equacionar a possível existência, neste contexto específico, de um continuum entre o ato de censura e o ato de pedido.

Em rigor, o quadro interacional assimétrico em que decorre esta troca, a distância socioafetiva que separa os participantes e a disparidade de poderes impedem o locutor de formular uma censura explícita. Dada a sua (ainda) limitada competência linguística e, sobretudo, a sua incipiente competência pragmática, a única opção possível para o aprendente, neste contexto, é o pedido, cabendo ao interlocutor dar sentido ao que foi dito. O presente estudo confirma, assim, o facto de o ato ilocutório de censura estar fortemente dependente do contexto, pois o ‘mero’ pedido ou a ‘simples’ asserção, com a identificação de um problema, podem assumir um valor ilocutório derivado de censura.

As produções dos informantes mostram também a existência de algumas falhas pragmalinguísticas, detetáveis em determinados *speech act sets*, quando se conjugam estratégias de ate-

nuação e de intensificação que se traduzem em inconsistências internas no plano dos objetivos ilocutórios. De igual forma, as pausas bastante frequentes, as autorreformulações e a acumulação de enunciados poderão revelar também dificuldades na codificação do ato.

As falhas sociopragmáticas são evidentes na flutuação ou na desadequação das formas de tratamento utilizadas pelos informantes, caracterizadas, por vezes, por um grau de informalidade que não se coaduna com o contexto formal desenhado no estímulo. De facto, o sistema de formas de tratamento do PE constitui uma área crítica para alunos com diferentes línguas maternas, pois convoca conhecimento sociocultural complexo que eles têm reconhecida dificuldade em dominar.

As falhas acima identificadas podem resultar do facto de o ato ilocutório em apreço não constituir objeto de ensino explícito. Acresce que, mesmo em situação de imersão, os estudantes não receberão um *input* variado e frequente deste ato e também não o produzirão frequentemente, em contexto formal.

Apesar do carácter experimental deste estudo, na globalidade, os resultados obtidos vão ao encontro de outros já realizados com sujeitos em aprendizagem de uma LE/L2 (e.g. Nguyen, 2005; Al-Kayed & Al-Ghowery, 2019; Xin, 2019). Contudo, ao contrário desses estudos, a diversidade de estratégias identificada neste trabalho foi menor, o que poderá dever-se às metodologias de recolha de dados e à dimensão da amostra.

Atendendo à importância dos constituintes prosódicos, na perceção da mensagem, e considerando a grande dependência do contexto que parece caracterizar o ato ilocutório de censura, estudos de natureza prosódica, a realizar futuramente, poderão ajudar a compreender melhor o ato ilocutório de que este estudo se ocupou.

Uma nota final para salientar a necessidade de realizar, prioritariamente, uma descrição das unidades discretas que constituem o ato ilocutório de censura, quando realizado por falantes

SALEMA, LUÍS FERNANDO & CARAPINHA CONCEIÇÃO; “*Não sei como dizer em português para não sembrare tão mal-educada*” – o ato de censura na interlíngua de falantes de PLNM / “*I don’t know how to say it in Portuguese without sounding so disrespectful*” - the act of criticism in the interlanguage of non-native Portuguese speakers

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 246-275

nativos de PE. Só partindo dessas produções, autênticas, será possível realizar estudos contrastivos com conclusões mais consistentes para os contextos de interlíngua.

REFERÊNCIAS

- Al Kayed, M., & Al-Ghoweri, H. (2019). A socio-pragmatic study of speech act of criticism in Jordanian Arabic. *European Journal of Scientific Research*, 153 (1), 105-117.
- Amossy, R. (1999). *Images de soi dans le discours: La construction de l’ethos*. Lausanne-Paris: Delachaux et Niestlé.
- _____. (2010). *La présentation de soi: Ethos et Identité Verbale*. Paris: PUF.
- Austin, J. L. (1962). *How to do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press.
- Beebe, L. & Takahashi, T. (1989). Sociolinguistic variation in face threatening speech acts: chastisement and disagreement. In M. R. Eisenstein (Ed.), *The Dynamic Interlanguage - Empirical Studies in Second Language Variation*. New York: Plenum Press, pp. 199-218.
- Blum-Kulka S., House, J., & Kasper, G. (1989). *Cross-cultural Pragmatics: Requests and Apologies*. New Jersey: Ablex Publishing Corporation.
- Briz Gómez, A. & Estellés Arguedas, M. (2010). On the relationship between attenuation, discourse particles and position. In G. Kaltenböck, W. Mihatsch & S. Schneider (Eds.), *New approaches to hedging*. Bingley: Emerald, pp. 295-310.
- Brown, P., & Levinson, S. (1987). *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Casanova, M. I. P. G. de S. (1996). A força ilocutória dos atos diretivos. In I. H. Faria et al. (Orgs.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 429-436.
- Charaudeau, P. (2005). *Le Discours Politique: Les Masques du Pouvoir*. Paris: Vuibert.
- Cohen, A., & Olshtain, E. (1981). Developing a measure of sociocultural competence: The case of apology. *Language Learning*, 31 (1), 113-134.
- Culpeper, J. (2011). *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University.
- El-Dakhs, D. A. S., Ambreen, F., Zaheer, M., & Gusarova, Y. (2019). A pragmatic analysis of the speech act of criticizing in university teacher-student talk - The case of English as a lingua franca. *Pragmatics*, 29 (4), 493-520. <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/prag.18028.eld>
- Errecart, A. (2019). De la sociabilité associative: Formes et enjeux de la construction d’un ethos collectif. *Mots. Les Langages du Politique*, 121, 89-105.

SALEMA, LUÍS FERNANDO & CARAPINHA CONCEIÇÃO; “Não sei como dizer em português para não sembrare tão mal-educada” – o ato de censura na interlíngua de falantes de PLNM / “I don’t know how to say it in Portuguese without sounding so disrespectful” - the act of criticism in the interlanguage of non-native Portuguese speakers

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 246-275

Farnia, M., & Sattar, H. (2015). A sociopragmatic analysis of the speech act of criticism by Persian native speakers. *International Journal of Humanities and Cultural Studies*, 2 (3), 305-327.

Fonseca, J. (1991). Heterogeneidade na língua e no discurso. *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*, VIII, 261-304.

Fraser, B., & Nolen, W. (1981). The association of deference with linguistic form. *International Journal of the Sociology of Language*, 1981 (27), 93-110.

Geis, M. L. (1995). A critique of speech act theory. In M. L. Geis, *Speech Acts and Conversational Interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 12-32.

Hoa, H. (2007). Criticizing behaviors by the Vietnamese and the American: topics, social factors and frequency. *VNU Journal of Science, Foreign Languages*, 23, 141-154.

House, J., & Kasper, G. (1981). Politeness markers in English and German. In F. Coulmas (Ed.), *Conversational Routine*. The Hague: Mouton.

Kern, B. (2017). No sé si atreverme a decir...: la preterición como estratégia discursiva entre atenuación e intensificación. In M. Albelda Marco e W. Mihatsch (Eds.), *Atenuación e intensificación en géneros discursivos*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, pp. 93-110.

Leech, G. N. (1983). *Principles of Pragmatics*. London/New York: Longman.

Levinson, S. (2017). Speech acts. In Yan Huang (Ed.), *The Oxford Handbook of Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press, pp. 199-216.

Mangueneau, D. (2002). Problèmes d’ethos. *Pratiques* 113, 55–67.

_____(2013). L’èthos: Un articulateur. CONTEXTES. *Revue de Sociologie de la Littérature*, 13. <http://contextes.revues.org/5772>.

_____(2014). Retour critique sur l’èthos. *Langage et Société*, 149, 31–48.

Marques, M. A. (2016). Todos os rios vão dar a Março. O movimento dos indignados e a construção de um ethos coletivo. In Z. G. Oliveira de Aquino & P. R. Gonçalves-Segundo (Orgs.), *Estudos do discurso: caminhos e tendências*. São Paulo: Editora Paulistana, pp. 7-24.

Miller, L. (2008). Negative assessments in Japanese-American workplace interaction. In H. Spencer-Oatey (Ed.), *Culturally Speaking. Culture, Communication and Politeness Theory*. London: Continuum, pp. 240-254.

- Nguyen, T. T. M. (2005). *Criticizing and Responding to Criticism in a Foreign language: A study of Vietnamese Learners of English*. Auckland: The University of Auckland.
- _____(2008). Modifying L2 criticisms: How learners do it? *Journal of Pragmatics*, 40 (4), 768-791.
- _____(2013). An exploratory study of criticism realization strategies used by NS and NNS of New Zealand English. *Multilingua*, 32 (1), 103-130.
- Rose, K. R. (1999). Teachers and students learning about requests in Hong Kong. In E. Hinkel (Ed.), *Culture in Second Language Teaching and Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 167-180.
- Sacks, H., Schegloff, E.A., & Jefferson, G. (1974). A simplest systematic for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, 50 (4), 696-735.
- Schegloff, E. A. (2007). *Sequence Organization in Interaction: a Primer in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Searle, J. (1969). *Speech Acts: an Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____(1976). A classification of illocutionary acts. *Language in Society*. 5 (1), 1-23.
- Soares, M. C. P. (1996). *Modificação de Atos Ilocutórios, em Português*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Steensig, J., & Drew, P. (2008). Introduction: questioning and affiliation/disaffiliation in interaction. *Discourse Studies*, 10 (1), 5 – 15.
- Taguchi, N. (2017). Interlanguage pragmatics. In A. Barron, P. Grundy, & G. Yueguo (Eds.). *The Routledge Handbook of Pragmatics*. Oxford/New York: Routledge, pp. 153-167.
- Thomas, J. (1983). Cross-Cultural pragmatic failure. *Applied Linguistics*, 4, 91-112.
- Tracy, K., Dusen, D., & Robinson, S. (1987). “Good” and “bad” criticism: a descriptive analysis. *Journal of Communication*, 37 (2), 46-59.
- Válková, S. (2013). Speech acts or speech act sets: apologies and compliments. *Linguistica Pragensia*, 23, 44-57.
- Vanderveken, D. (1985). O que é uma força ilocucional?. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 9, 173–194.

SALEMA, LUÍS FERNANDO & CARAPINHA CONCEIÇÃO; “Não sei como dizer em português para não sembrare tão mal-educada” – o ato de censura na interlíngua de falantes de PLNM / “I don’t know how to say it in Portuguese without sounding so disrespectful” - the act of criticism in the interlanguage of non-native Portuguese speakers

REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 11 ANO 2022, PP. 246-275

Van Dijk, T. (1980). *Estructuras y Funciones del Discurso - una Introducción Interdisciplinaria a la Lingüística del Texto y a los Estudios del Discurso*. México/España/Argentina/Colombia: Siglo Veintiuno Editores.

Xin, L. (2019). *Contributos para a Análise do Ato Ilocutório de Crítica numa Perspetiva Contrastiva: o Caso dos Aprendentes Chineses de PLE*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Yates, L. (2010). Pragmatic challenges for second language learners. In A. Trosborg (Ed.), *Pragmatics across Languages and Cultures*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, pp. 287-308.

